

«Pelos Caminhos de Santiago no Sul de Portugal: um percurso por cinco povoações medievais»

Isabel Cristina Ferreira Fernandes

Ourense, 26 de Novembro de 2010

.....

Noudar, Mértola, Santiago do Cacém, Alcácer e Palmela

Noudar

Situada entre os rios Ardila e Murtega a vila de Noudar terá sido conquistada em 1167 e doada por Afonso X a D. Beatriz, filha de Afonso III de Portugal, em 1293 mas só em 1295 é definitivamente incorporado no reino, sendo a sua incorporação, como a de outras fortificações, reconhecida pelo Tratado de Alcanices (1297).

No mesmo ano de 1295 recebeu carta de foral. Em 1303 D. Dinis doa Noudar à Ordem de Avis e encarrega o mestre Lourenço Afonso de construir uma fortaleza com muralha exterior e alcáçova (11000 m² no interior dos muros). Existia no local anterior estrutura fortificada islâmica, de que subsistem alguns vestígios reconhecidos em trabalhos arqueológicos.

O problema de sub-povoamento da região levou D. Dinis, em 1308, a aumentar o número de privilégios na região, estimulando gente com cadastro a fixar-se. Institui em Noudar o primeiro Couto de Homiziados de Portugal, nesta mesma data.

O castelo é dotado de Torre de Menagem e, tal como outras fortificações dionisinas, apresenta-se como um bom exemplo do castelo gótico português, contruído à luz dos novos conceitos de defesa activa.

Este e outros castelos significaram um esforço de investimento vultuoso para a Ordem de Avis. Para a construção do castelo de Noudar D. Dinis

doa à Ordem de Avis na pessoa do seu mestre, D. Vasco Afonso, o senhorio da vila e as rendas das igrejas de Serpa, Moura e Mourão.

A padroeira da vila era Nossa Senhora de Entre-Ambas-as-Águas e denominada assim a igreja paroquial no séc. XVI. Noudar recebe foral novo de D. Manuel em 1513 e existe documentação que atesta a pertença da comenda, em 1532, ao Marquês de Torres Novas.

No século XVII a vila possuía 400 vizinhos, Misericórdia, hospital e 3 ermidas. Até ao séc. XVIII a vila é sede de concelho, passando depois para Barrancos essa condição. No século XIX verifica-se o abandono da povoação.

Duas inscrições encontravam-se outrora na Torre de Menagem, a primeira desaparecida e a segunda hoje no museu de Barrancos:

- uma inscrição comemorativa da construção do castelo de Noudar, gravada numa lápide:

ERA M^a CCC^a XL^a VI ANOS PRIMO DIA D' ABRIL DOM LOURENÇO AFONSO MESTRE D'AVIS FUNDOU ESTE CASTELO DE NOUDAR E POBROU(=POVOOU) A VILA PARA DOM DINIS REI DE PORTUGAL NESTE TEMPO.

- *uma outra*, comemorativa de uma obra no castelo efectuada no tempo em que Aires Afonso era comendador, gravada num silhar que inclui uma cruz da Ordem de Avis florenciada acompanhada por dois pássaros e dois frutos, uma vieira e um escudo de Portugal Antigo:

TETES(?) AIRES AFONSO COMENDADOR MOR D'AVIS GONÇALO VASQUID(?)

É esta inscrição muito interessante pela inserção do elemento jacobeu, que nos remete para um culto a Santiago e uma possível rota de peregrinação numa comenda da Ordem de Avis. Hoje é Barrancos a povoação raiana que herda a memória cultural de Noudar.

Mértola

Os anos 30 do século XIII foram decisivos para a reconquista final do território de Beja.

Em Mértola apresentava-se então como um importante porto fluvial, com ligação à costa, uma urbe que durante o período islâmico funcionava como centro de confluência de rotas mediterrânicas, porta de entrada para o sul do Garb, através do Guadiana. São inúmeros os testemunhos arqueológicos que atestam esta dinâmica comercial, confirmados pelas fontes escritas, e que têm nas últimas décadas transformado a vila num ponto notável de atracção turística.

Já anteriormente, a Myrtilis romana se afirmara por idênticas razões de carácter geográfico e militar, à sombra das valências do rio, e, em época paleocristã, a sua importância continuou a ser incontestável. No séc. IV, uma anterior piscina octogonal é adaptada a baptistério, funcionando como anexo do edifício religioso do *forum*, entretanto cristianizado. Dois ou três outros templos funerários terão sido construídos no séc. V, fora de portas: a Basílica do Rossio do Carmo e uma basílica de menor dimensão, junto à ribeira. Um terceiro edifício pensa-se que poderá ter existido na sítio da igreja-mesquita. No espaço cemiterial da Basílica do Rossio do Carmo foram registadas mais de cinco dezenas de lápides, enquadráveis entre os séculos V e inícios do VIII, sendo a maioria do séc. VI. Três delas são de presbíteros locais (Torres et all., 1993).

A título de exemplo, o epitáfio de um cantor da Basílica:

Epitáfio de Andreas: André, servidor de Deus, primeiro cantor da sacrossanta Igreja mertiliana, viveu 36 anos, descansou em paz no terceiro dia das calendas de Abril da era de 560 e três (525).

No período islâmico há que destacar o papel político de Mértola durante as Taifas. Um governo autónomo local sediou-se em Mértola entre 1031 e 1044 e, em 1144, foi tomada por um adepto de Ibn Qasi que aí dominou até à chegada dos almóadas.

Mértola conserva, pois, entre os séculos V e XIII, uma forte relevância mercantil, política e religiosa, nomeadamente com ligações ao Oriente, que se exprime no poder económico dos seus habitantes e que hoje lemos através dos seus rituais, dos seus edificadros de culto e de morada.

A Mértola almóada continuava a ser de grande impacto mercantil e , conseqüentemente, de interesse político e militar, quando foi conquistada pelo mestre Paio Peres Correia, em 1238. Não admira pois que a sede da Ordem de Santiago, logo em 1245, se tivesse transferido de Alcácer para Mértola, que passaria a ser o centro de coordenação da derradeira fase da *reconquista*, reconhecida a sua importância estratégica e portuária.

Os freires de Santiago encetaram então intervenções na fortificação nos finais do séc. XIII: procederam ao reforço da cerca do povoado, à reedificação do castelo e à construção das instalações dos freires na alcáçova, cujos vestígios desapareceram. A edificação da Torre de Menagem (1292), um típico exemplar dionisino, deve-se ao primeiro mestre da Ordem – ramo português, João Fernandes, conforme o atesta uma lápide à entrada do castelo. Em meados do séc. XIV deve ter-se contruido a cisterna da alcáçova e também as muralhas da vila sofrem beneficiações.

A intervenção da Ordem não se alargou à mesquita, que se cristianizou sem grandes alterações, datando apenas dos séculos XV e XVI os trabalhos de alteração mais significativos. Efectivamente até ao séc. XVI apenas se tinha rematado o minarete da mesquita com um campanário, aberto uma porta na parede sul, construido uma pequena sacristia e provavelmente entaipado o mirhab.

Em 1532 o comendador D. João de Mascarenhas ordena obras de vulto no templo, entre as quais uma nova cobertura de abóbadas nervadas sustentadas por 12 colunas e um portal de feição renascentista. Designava-se então «Igreja de Nossa Senhora d'Entre Ambas as Águas».

O recheio da igreja também se remodela e enriquece. Ainda que inacabado, subsiste o «Retábulo do Crucifixo e de Santiago» (1554) e um outro, representando igualmente Santiago a cavalo (1590), no Museu de Arte Sacra da Vila.

Havia duas capelas de Santiago na vila de Mértola: uma no castelo, decerto afecta às instalações conventuais, e outra na vila, junto à porta da muralha que dava acesso ao porto. Da capela do castelo ainda há notícia nos finais do séc. XVI, falando-se até de um retábulo de S. Tiago, mas terá

sofrido ruína e dela hoje nada resta. Da capela da Ribeira sabe-se pelas visitas que terá decaído em meados do séc. XVI, sendo contruída em seu lugar a Igreja da Misericórdia.

Uma capela do Espírito Santo erguia-se junto à porta de Beja e tinha anexo o hospital, limitado a uma dependência nos finais do séc. XV mas depois aumentado para mais duas casas e para onde se terá transferido uma imagem de vulto de S. Tiago (hoje desaparecida).

A partir do séc. XV e sobretudo do XVI assiste-se à decadência da comenda, que vendo perdida toda a sua importância estratégica, sobrevive dos rendimentos das terras e de alguma pesca.

Em inícios do séc. XIX ainda sobrevivia uma procissão de Santiago.

Santiago do Cacém

Santiago do Cacém foi conquistada aos muçulmanos em 1158. Doadà à Ordem de Santiago em 1186, de novo em 1191 é recuperada pelos exércitos almóadas. Na sequência da definitiva tomada do castelo pelos cristãos, após 1217, Afonso II entrega-a aos santiaguistas, que manterão a sua posse até pelo menos ao séc. XVII.

O castelo conserva a feição gótica, de planta alongada sub-rectangular, ao jeito de outras fortificações da Ordens de Avis e Santiago, com cinco torres semi-circulares e quatro quadradas, munidas de seteiras, com uma longa barbacã ainda em uso e uma porta em arco quebrado encimada pelas insígnias da Ordem de Santiago. Dentro do recinto localizar-se-ia uma primitiva igreja, dedicada a Santiago, herdeira de anterior mesquita. A igreja que hoje subsiste é a que foi erguida no séc. XIII, onde a milícia viria a instalar uma colegiada que perdurou até 1834.

Os freires ocupavam uma pequena área da alcáçova junto à muralha leste, onde se crê ter havido um primitivo templo que antes fora mesquita, conservando-se as ruínas da residência do comendador (séc. XIII-XIV), remodelada em quatrocentos. Uma descrição de 1866 refere a existência

de oito salas abobadadas, uma delas comunicando com a torre de menagem, paredes externas ameadas e um pátio com cisterna.

Houve porém um pequeno período em que o castelo e a Igreja Santiago do Cacém não pertenceram à Ordem. Entre 1315 e 1336 estiveram na posse de D. Vataça Lescharis, princesa bizantina e aia da rainha Santa Isabel, em resultado de um escambo com Villalar, doação que recebera de Fernando IV de Castela. O avlor do escambo foi completado com a quantia de 20 000 morabitanos entregues à Ordem de Santiago para despesas nas lutas contra os muçulmanos. Esta senhora, para além de ter ofertado à igreja uma relíquia dos Santo Lenho, ordenou obras de reconstrução da igreja de Santiago e é deste período um valioso testemunho artístico alusivo à Ordem: o alto-relevo de *Santiago Combatendo os Mouros*. Este exemplar escultórico gótico, de calcário, para além da simbologia inerente à representação do patrono da igreja e ao culto a ele associado, é também um documento de estudo do armamento e das formas de montar cristãs e muçulmanas da época.

O templo foi muito intervencionado no período quinhentista e em época moderna. Santiago do Cacém tinha, em 1533, 500 vizinhos, número muito superior ao de Alcácer do Sal, com 350.

A intervenção pós-terramoto de 1755 veio a amputar parte da cintura de muralhas e a última intervenção data de 2002, envolvendo a Diocese de Beja e o Município local, e dela resultou a criação do núcleo museológico do Tesouro da Colegiada. Tanto através do espólio exposto neste núcleo como da leitura da decoração arquitectónica da igreja se apreende a devoção a Santiago e a identificação do sítio como importante marco dos «Caminhos».

Alcácer do Sal

Alcácer do Sal foi, desde a Idade do Ferro até à época islâmica, um povoado de grande importância, testemunhada por ampla documentação arqueológica e também por textos. Toda a acrópole ofereceu material arqueológico notável da *Salacia* romana e da *Kasr Abi-Danis* / depois *Kasr al-Fath* muçulmana. Na base deste prestígio está a navegabilidade do rio

Sado, que bordeja Alcácer, proporcionando o acesso fácil desde Porto de Rei até ao estuário e ao oceano, indicador relevante em termos comerciais e militares. Por outro lado Alcácer era encruzilhada de caminhos que conduziam a Évora, a Beja, ao Algarve, também pela linha de costa até ao Cabo de S. Vicente, passando por Santiago do Cacém.

A primeira conquista cristã data de 1160, por Afonso Henriques, que faz dela doação à Ordem de Santiago em 1172. É hoje admitido como plausível a localização de uma primeira sede da Ordem em Alcácer, até 1191, quando a urbe volta à posse muçulmana. Os almóadas transformaram-na num poderoso reduto militar, reforçando as muralhas e os sistemas de defesa. Foi uma fortaleza de muros duplos, fossos profundos, inúmeras torres e rodeada de uma paliçada, no dizer do poeta Gosuíno, que os cristãos foram encontrar quando, em 1217, decidem cercar a cidade. Do lado cristão, as forças conjuntas organizadas pelo bispo D. Soeiro Viegas integravam cruzados e membros das Ordens Militares, entre os quais o Comendador-Mor de Palmela, D. Martim Pais Barregão.

A vitória cristã, duramente conseguida, teve um impacto enorme do lado muçulmano e significou o impulso decisivo no avanço para sul. Não admira pois que a sede da Ordem de Santiago se deslocasse logo após a batalha (1217-18) para Alcácer, donde saíria para Mértola, por imposições duma lógica de guerra. Em finais do séc. XIV volta a albergar a cabeça da Ordem e aí se manterá até à transferência definitiva para Palmela, em 1482. Mestres da Ordem, como Pedro Escacho, Garcia Peres e depois o Infante João deixaram testemunhos documentais do seu governo a partir da casa de Alcácer.

Desconhece-se a envergadura das obras encetadas pelos freires após a conquista, mas decerto procederam à reparação e adaptação das muralhas, dos espaços religioso e civil. A antiga mesquita terá dado lugar à Igreja românica de Santa Maria, edifício que resisiu ao tempo, embora com muitas intervenções posteriores. O portal desta igreja é encimado por motivos santiaguistas: a cruz-espada, a cabaça, as vieiras, o bordão.

O complexo conventual situava-se no castelo, e dele partitamente nada resta, depois da adaptação do espaço a pousada de turismo. O Convento de Aracoeli, de Clarissas, seria o herdeiro quinhentista desse edificado anterior, que incluía um paço para o mestre, as instalações dos freires, uma capela dedicada ao patrono Santiago e uma *Casa dos Pobres* anexa.

Na visitação de 1534 refere-se uma imagem de Santiago patente na capela, oferecida por D. Jorge. Existe hoje uma outra Igreja de Santiago em Alcácer onde figura uma imagem do Santo, que pode corresponder a esta (Pereira, 2000: 77).

Dentro da vila a documentação referencia vários caminhos, entre os quais o Caminho de Santiago, que deveria ligar o Convento e a capela de Santiago à Igreja de Santa Maria.

Fora do conjunto amuralhado situa-se a Igreja dos Mártires, um verdadeiro panteão da Ordem de Santiago, que integra a capela dos Mestres e a capela de Diogo Pereira, comendador-mor. Deve-se ao mestre Garcia Peres a decisão de construir aqui este panteão, em 1333, num local onde já anteriormente se haviam sepultado guerreiros cristãos (presumivelmente os caídos na batalha de 1217).

É uma capela centrada, octogonal, com abóbada de nervuras, frestas maineladas e contrafortes nos ângulos exteriores. Para este formato octogonal, centrado, com uso funerário, têm-se procurado paralelos em Navarra, nas capelas de Eunáte e de Torres del Rio (Almeida e Barroca) ou mesmo no Santo Sepulcro de Jerusalém (P. Pereira).

Um destaque também para uma curiosa imagem trecentista da *Virgem com o menino*, que amamenta, conhecida como Nossa Senhora da Cinta. A imagem, em pedra, está assente numa coluna lavrada onde adossa um escudo com a cruz de Santiago e três vieiras. Um terceiro elemento do conjunto, igualmente adossado ao pilar, é uma pequena figura representando um freire de Santiago, tonsurado, de mãos postas. O culto à virgem foi, a partir do séc. XV substituído pelo culto a Cristo Crucificado, passando a Igreja a ser conhecida como Igreja dos Mártires ou do Senhor dos Mártires.

Este foi, de qualquer modo, ao longo dos tempos, um sítio de muita devoção e muitas romarias, justificativos de vários acrescentes ao edificado primitivo, para apoio a romeiros e peregrinos.

Disponha também Alcácer de um Hospital do Espírito Santo, cuja data de edificação se desconhece, mas que funcionaria no séc. XV. Sofreu obras de remodelação sobretudo no séc. XVI mas o edificado sobreviveu e acolhe actualmente o chamado Museu Pedro Nunes. A documentação do séc. XV descreve um retábulo de portas existente no Hospital, com o Espírito Santo ao centro e , nas portas, uma imagem de Santiago e um Crucifixo.

Este breve percurso histórico por Alcácer medieval permite-nos perceber uma prevalência de imagética evocativa de Santiago a que certamente correspondeu um culto continuado ao apóstolo e uma rota de peregrinos dos caminhos compostelanos.

Palmela

A localização de Palmela, entre dois estuários e ladeada pela mística Serra da Arrábida, torna-a, só por si, um lugar vocacionado para a espiritualidade mas também um pólo de pragmático interesse estratégico em contextos bélicos.

A sua relevância em época islâmica tem sido demonstrada desde os anos 90 através da investigação arqueológica no castelo, comprovando-se uma presença continuada entre os séculos VIII-IX e o séc. XII.

Palmela caiu logo após a conquista de Lisboa (1147), voltou à posse muçulmana pouco tempo depois e por volta de 1165 os cristãos do norte de novo a tomam. É então que o rei concede foral aos mouros forros (1170), aos habitantes cristãos da vila (1185) e doa a vila à Ordem de Santiago (1186). Em 1191 a praça sucumbe à investida almóada mas logo em 1194 crê-se que as hostes santiaguistas terão podido recuperá-la em definitivo.

É precisamente a partir deste período (c. 1194), provavelmente depois de Alcácer, que esteve instalada em Palmela a casa-mãe da Ordem de Santiago, até 1217, com funções de quartel militar avançado, preparado para enfrentar o avanço português nas terras muçulmanas a sul.

Destas primitivas instalações restam apenas alguns traços arqueológicos. Nos séculos XIII e XIV tiveram lugar obras de alargamento e reparação da fortaleza, que incluíram a edificação da torre de menagem, na vertente norte virada ao povoado e a reformulação da entrada do castelo.

Transferida a sede da Ordem de Alcácer para Palmela, no século XV, iniciam-se obras de construção de um convento-sede no castelo, que decorreram entre 1443 e 1482, e onde os freires se instalam definitivamente até ao séc. XIX. Desse período subsistem em Palmela a Igreja de Santiago, o paço de D. Jorge e algumas dependências anexas. O novo convento, dos sécs. XVII-XVIII, apagou os traços do anterior.

Este templo é considerado um marcante exemplar da arquitectura tardo-gótica portuguesa, caracterizado pelo despojamento formal e decorativo, onde se cruzam tendências arcaizantes e elementos de clara modernidade. Outras obras marcaram então o castelo, quer nas muralhas com a implantação de novas torres, quer nos espaços residenciais.

No séc. XVI, o último mestre da Ordem, D. Jorge, filho bastardo do rei João II, beneficiou o convento e a igreja com vultuosas obras de melhoramento e novo recheio artístico.

É o caso do Retábulo da Igreja, originalmente constituído por 12 tábuas e de que agora restam oito. É uma obra notável atribuída ao Mestre da Lourinhã em associação com Cristovão de Figueiredo ou /e Gregório Lopes (1520-30), hoje no MNAA. Deste retábulo fazem parte as seguintes tábuas:

- Cristo envia S. Tiago e S. João em missão apostólica;
- Pregação de S.- Tiago;
- Conversão do Mago Hermógenes;
- Condução do corpo de S. Tiago para o paço da rainha Loba;
- S. Tiago em Tentúdia;

-
- Investidura do Primeiro Mestre da Ordem, D. Pedro Fernandes;
 - Entrega da Bandeira da Ordem ao mesmo mestre;
 - D. Paio Peres Correia invocando a Virgem em Tentúdia.

Outras obras do mesmo período de D. Jorge incluem dois espaços abobadados cujos fechos de pedra manuelinos exibem motivos da iconografia jacobea: um deles representa a barca e o outro mostra um conjunto de elementos: chapéu, vieira, bordão.

O *Regimento do Convento de Palmela*, de 1547, fornece-nos importantes informações sobre o quotidiano da vida conventual e a repartição funcional da casa, mencionando a igreja, a sacristia, o coro, o dormitório, o refeitório, a cozinha, a hospedaria, o cartório, a botica, a enfermaria. Não se conhecem, contudo, descrições da arquitectura dos edifícios

O *dia de São Tiago*, 25 de Julho, era amplamente festejado em Palmela, a partir da Igreja do convento-sede da Ordem. Uma procissão solene partia do convento para a vila.

A Igreja da Misericórdia, situada no coração da vila, foi construída c. de 1512 no local onde antes se erguia a *Ermida do Espírito Santo*, de que fazia parte uma confraria da paróquia de S. Pedro, dedicada à assistência e caridade, funcionando como albergaria. A documentação é escassa mas refere que a anterior «*por ser pequena se derribou e tornou a fazer de novo, acrescentandosse e fazendoa maior*».

A Irmandade do Santíssimo Sacramento de Palmela continuará a existir.

Um outro templo, entretanto desaparecido, a *Ermida de S. Brás*, situava-se à saída da povoação junto à estrada de Quinta do Anjo, que liga

à de Coina. Está bem referenciada nas visitas do séc. XVI, altura em que se encontrava ainda em pleno funcionamento.

Atribuiu-se a iniciativa da construção a D. Dinis, que depois a terá entregue à administração da Ordem de Santiago. Tinha esta ermida anexo um hospital para auxílio e asilo de peregrinos e desprotegidos.

A ermida era de razoável dimensão (11 por 6 varas) e com recheio notável.

Outra evidência do "peregrinar" foi recolhida em escavações arqueológicas da Rua de Nenhures, na descida do castelo: uma âmbula de peregrino, em chumbo, protótipo bastante comum das âmbulas dos santos óleos que eram trazidas da Terra Santa, e que datamos, por contexto, dos sécs. XIII-XIV.

É plausível, em nosso entender, que o lugar onde se situava a casa-mãe da Ordem de Santiago fosse parte do caminho de peregrinação santiaguista, entre Setúbal e as margens do Tejo, onde se embarcava para Lisboa.

Durante o séc. XV, quando a Igreja de Santiago se conclui e depois no séc. XVI, com o governo de D. Jorge, o morro do castelo de Palmela era o símbolo por excelência da Ordem do patrono São Tiago.

Parece-nos que a acção mecénica de D. Jorge, não só em Palmela como noutros locais sob administração da Ordem, fez expandir o culto ao apóstolo – são variados os exemplos de enriquecimento do recheio artístico de templos, em que a imagética de Santiago se releva, quer em decoração arquitectónica quer em peças de escultura móvel -, e amiúde inclui não só a representação do santo guerreiro mas também a figuração dos atributos do peregrino.
